

NOTAS DE LEITURA

'N STA LI, 'N STA LA – Livro de Adivinhas. Bolama, Cooperativa Domingos Badica, Imprensa Nacional, 1979.

A adivinha é uma forma de transmissão dinâmica da tradição cultural popular. Recolhidas e transcritas em crioulo, a par da tradução portuguesa, as adivinhas para além dos ensinamentos pertinentes a cada situação, contendo a essência cultural dos povos onde foram recolhidas, os bijagós, têm já uma dimensão cultural a nível nacional, uma vez que o uso do crioulo vem contribuindo, a par de outros fatores, para a formação de uma cultura guinense. É aí que reside a importância do papel do crioulo como língua de transmissão das adivinhas originalmente ditas na língua tradicional. A adivinha é um jogo, ela admite mais de uma resposta.

“As adivinhas deste livro falam por si próprias da sua origem, do meio em que se gestaram e onde circulam. Mostram a ligação das pessoas com a natureza, o trabalho, a vida na terra e o universo à sua volta.

Falam-nos disso explicitamente, tanto nos seus elementos e personagens — mancarra, bolanha, mulheres grávidas — como no tratamento que lhes dedicam — afectivo, familiar: *nha badjuda*, *nha fidjo*. Mesmo quando se trata de elementos materialmente inatingíveis — a lua, por exemplo —, eles são aproximados na base da afectividade: *um mindjer garande*, *nha dona quase...*

Entre conteúdos e formas tão característicos ressalta de maneira inequívoca o que é estranho a este meio. Um táxi, por exemplo, produto da cultura urbana, é a chave de uma adivinha que pertence a um outro mundo: *'m tene quatro letra, se'm tira dus è ta fica onze* (XI). Exigem-se conhecimentos escolares, noções de numeração romana para decifrar esta adivinha

complicada — o táxi aparece de forma perfeitamente aleatória — linear e sem magia.”¹

Trata-se de uma edição extremamente cuidada que revela o carinho com que foi elaborada, através de composição manual, favorecendo o aspecto visual da obra.

*

JUNBAI *stórias de Bolama e do outro mundo — cultura popular oral da Guiné-Bissau*. Bolama, Imprensa Nacional, 1979.

A Guiné-Bissau surpreendeu-nos com o lançamento de uma série de edições do mais alto interesse literário-científico e com excelente apresentação utilizando o parque gráfico local.

A edição do livro, com uma excelente capa de grande efeito visual, utilizando papelão de embrulho, coube a Teresa Montenegro e Carlos de Moraes. Xilogravuras de Nelson Fernandes, feitas sobre madeira de bissilão, ilustram a obra.

Junbai é uma coleta de tradições orais a partir do crioulo e com apresentação bilíngüe. A tradição oral, recriada a cada instante, configura-se como uma síntese da cultura.

Reunindo 21 estórias colhidas na memória da população da ilha de Bolama, o livro apresenta-se dividido em três partes: *N' tarda kontau* (Já há muito tempo que te tinha dito), *É kumanda* (É por isso que) e *Ké ku tuji sol manse* (O que é que impede o sol de nascer).

“Os últimos são os que ‘dizem’ melhor porque já ouviram mais. A ausência da prática escrita eleva a importância da palavra falada — o único veículo que permite aprender de outra forma que não seja o exemplo.

Os velhos são os agentes únicos capazes de falar do passado, da experiência, das explicações maiores, dos tempos mais recuados. Ouviram contar e amadureceram, muitas vezes assistiram e disso são testemunhos vivos. Daí o seu crédito, a sua dignidade e o respeito mágico à sua palavra — a garantia viva da perenidade da cultura.

Mas nem tudo, naturalmente, se fixa e perpetua na memória dos homens. *Tudu beju ku na beju, bo ka ta mati bajudesa di bu mamé.*

A tradição oral resiste muito a mudanças materiais e superestruturais. É a expressão da ordem cultural instituída. No entanto, as flutuações da narração, personagens, costumes, diálogos — *kada kin ta pui di sel* — erguem um cenário envolvente em que o narrador se reconhece e com o qual se vai identificando cada vez mais. É um tecido coletivo e um terreno familiar. Trata-se da autenticidade cultural. Assim a oralidade suscita a participação criadora e permite mudanças ao alcance do narrador. Uma jovem a partir das suas vivências num passado recente projecta novos valores na velha tradição. Onde a velha história faz a rapariga aceitar o marido que lhe é destinado, ela faz uma viragem: a sua heroína deixa o marido e família a meio do casamento imposto e foge para fazer a sua festa, com o rapaz que escolheu e os seus amigos, não longe dali.

A abertura à criatividade individual e coletiva, o diálogo permanente e alargado, a possibilidade de integrar o que se passou há poucos minutos, ou há muitos anos, ou irá acontecer nos próximos dias têm aqui o seu lugar privilegiado”.¹

*

ANTOLOGIA DOS JOVENS POETAS DE GUINÉ-BISSAU. Momentos primeiros da construção. Bissau, Conselho Nacional de Cultura, 1978.

Um ano após o lançamento de *Mantinhas para quem luta. A nova poesia da Guiné-Bissau*, edição do Conselho Nacional de Cultura, surge uma antologia de poetas novos, escrevendo em português e crioulo e fixando-se em temas atuais em torno da “construção” da jovem nação africana. É curioso assinalar que as antologias de poesia africana relativas ao espaço de

1 Extratos de prefácio da obra.

língua comum, quer as editadas no período da luta nacional, quer posteriormente, pouco ou nada registravam em relação a Guiné-Bissau. Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe tinham os seus poetas e contistas, enquanto que Guiné-Bissau, colônia que sofrera um processo de colonização diferente do que foi utilizado pela ex-metrópole nas outras colônias, não se fez notar por uma produção poética no decorrer do período colonial. A poesia surge com a luta de libertação nacional e avança com a fase de "construção" nacional da Guiné-Bissau.

Nesta edição estão reunidos: Aristides Gomes, Tony Tcheca, Helder Proença, José Carlos (este, além de poeta, foi o organizador de um grupo musical; prematuramente falecido, José Carlos gravou um disco: *Djiu di Galinha*, editado pelo Departamento de Edição-Difusão do Livro e do Disco, do Comissariado de Estado da Guiné-Bissau — Informação e Cultura), Justino Monteiro, Ytch yana, Nagib Said, Armando Salvaterra, Djibril Baldé, Huco, Nelson e Serifo Mané.

*

MAESTRI FILHO, Mário José. *A Agricultura Africana nos séculos XVI e XVII no Litoral Angolano*. Porto Alegre, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 1978.

Com a publicação, em Porto Alegre, desta obra, o autor dá início entre nós a um novo campo na pesquisa histórica centrado no litoral angolano. O trabalho, que foi apresentado como dissertação de mestrado na Universidade de Lovanium, e que contou com a orientação do professor Jean-Luc Vellut, especialista dos mais competentes na história da África Central, constitui-se numa real contribuição a um tema da maior importância pelo que representa como elemento de explicação de uma série de mutações que se verificaram ao nível da organização social de alguns povos africanos.

Como bem diz o autor enquanto não se realizarem pesquisas profundas e sistemáticas no campo da arqueologia, da pré-história, dos utensílios agrários e outros, sua composição, não é possível grandes avanços.

Por outro lado, a documentação disponível, abundante e pouco estudada, constitui-se num desafio aos pesquisadores. O campo, além de rico, permitirá aprofundar os conhecimentos sobre a história de África e assim contribuir para oferecer uma outra dimensão do passado do continente que, até hoje, em parte continua sendo objeto de estudos de natureza etnológica alimentando uma visão ideológica que redundava numa concepção exótica que, durante o período colonial foi utilizada como uma das justificativas do chamado processo civilizatório.

Trata-se de uma pesquisa que deverá ter continuidade e merece aprofundamento. É curioso que o autor, entre as obras citadas, não registra o trabalho do Conde de Ficalho além de outros da literatura portuguesa da maior importância e que, apesar dessa importância, permanecem no esquecimento.

Do mesmo autor há a registrar a publicação recente do título *Quilombos e Quilombolas em Terras Gaúchas*, Universidade de Caxias do Sul, 1979, obra em que reúne uma série de artigos publicados no Caderno de Sábado do jornal "Correio do Povo", de Porto Alegre. Na primeira parte volta ao assunto da sua dissertação de mestrado e escreve sobre: "O Kongo e o escravismo: a crise de uma nação negra na África Central"; "Ginga vai à Guerra" e "Agricultura histórica bantu, os portugueses e a plantação colonial".